

Matilde Rosa Araújo

O Capuchinho Cinzento

Ilustrações
André Letria



Matilde Rosa Araújo

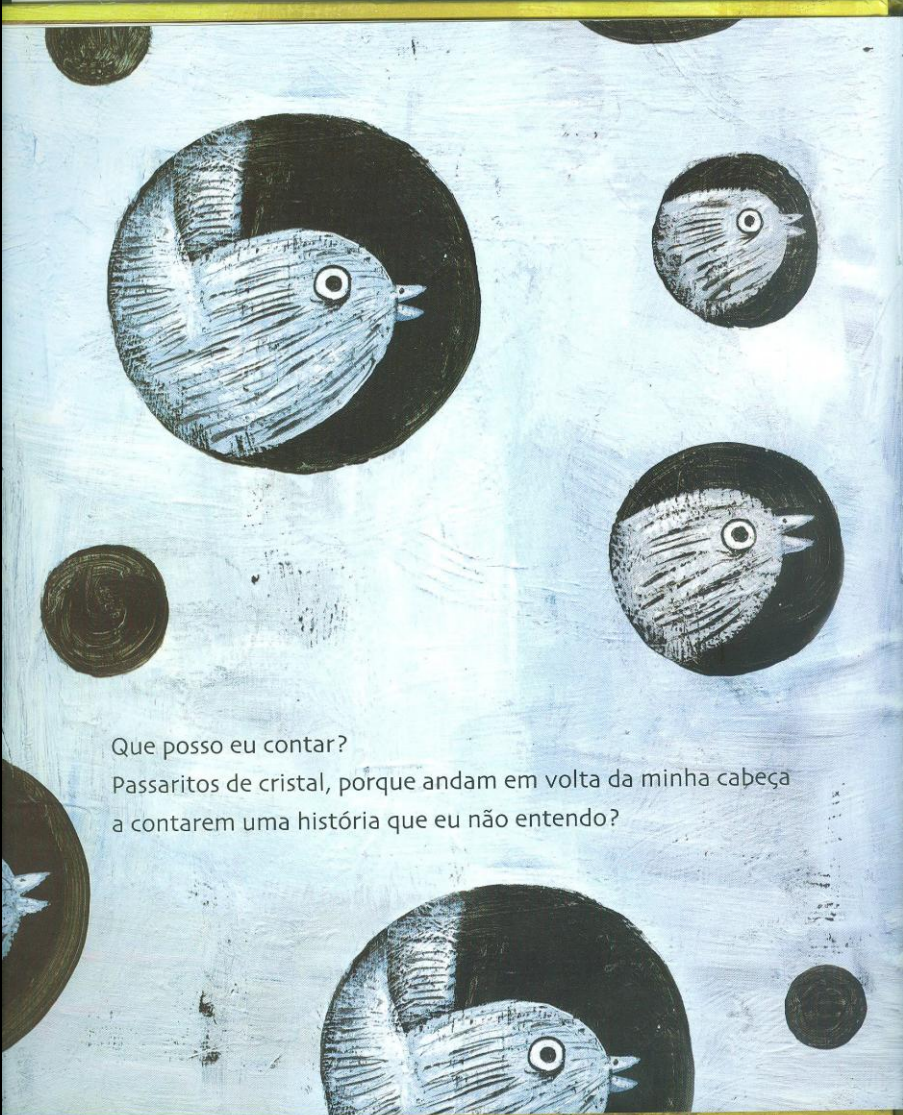
O Capuchinho Cinzento



Ilustrações
André Letria

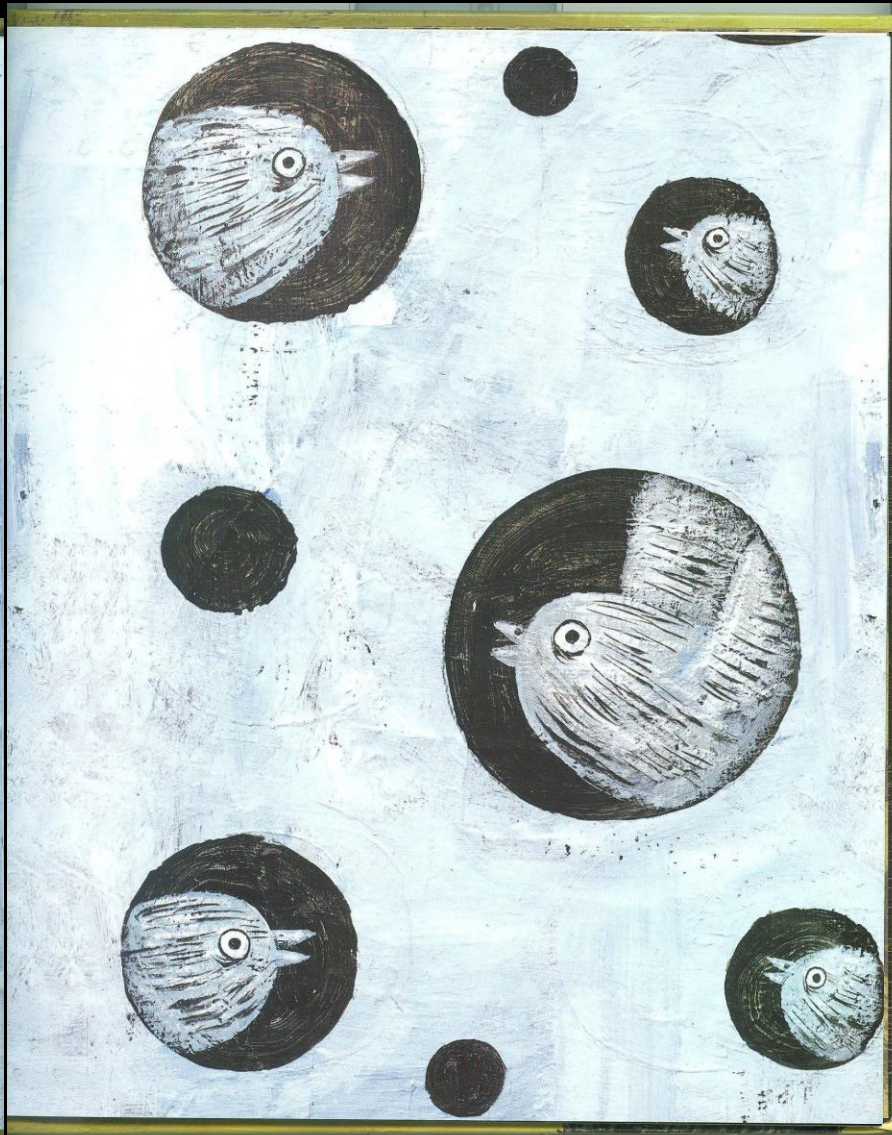


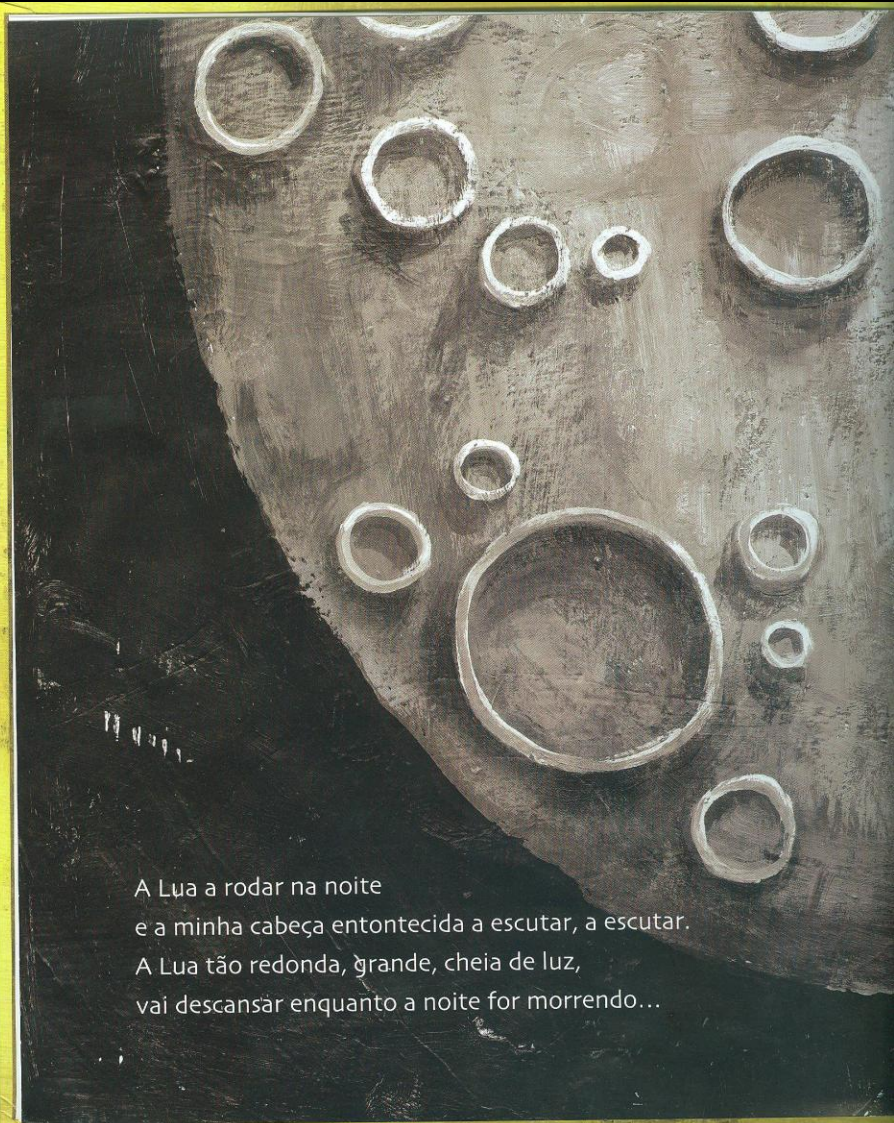
*Para todas as crianças,
com uma ternura imensa...*



Que posso eu contar?

Passaritos de cristal, porque andam em volta da minha cabeça
a contarem uma história que eu não entendo?





A Lua a rodar na noite
e a minha cabeça entontecida a escutar, a escutar.
A Lua tão redonda, grande, cheia de luz,
vai descansar enquanto a noite for morrendo...





Passaritos de cristal, o que têm para me dizer?
E os Passarinhos de cristal, a voar, a cantar:
— É a história do Capuchinho Cinzento,
que foi o capuchinho vermelho
da menina que levava uma merendinha à avó
e encontrou o lobo mau!



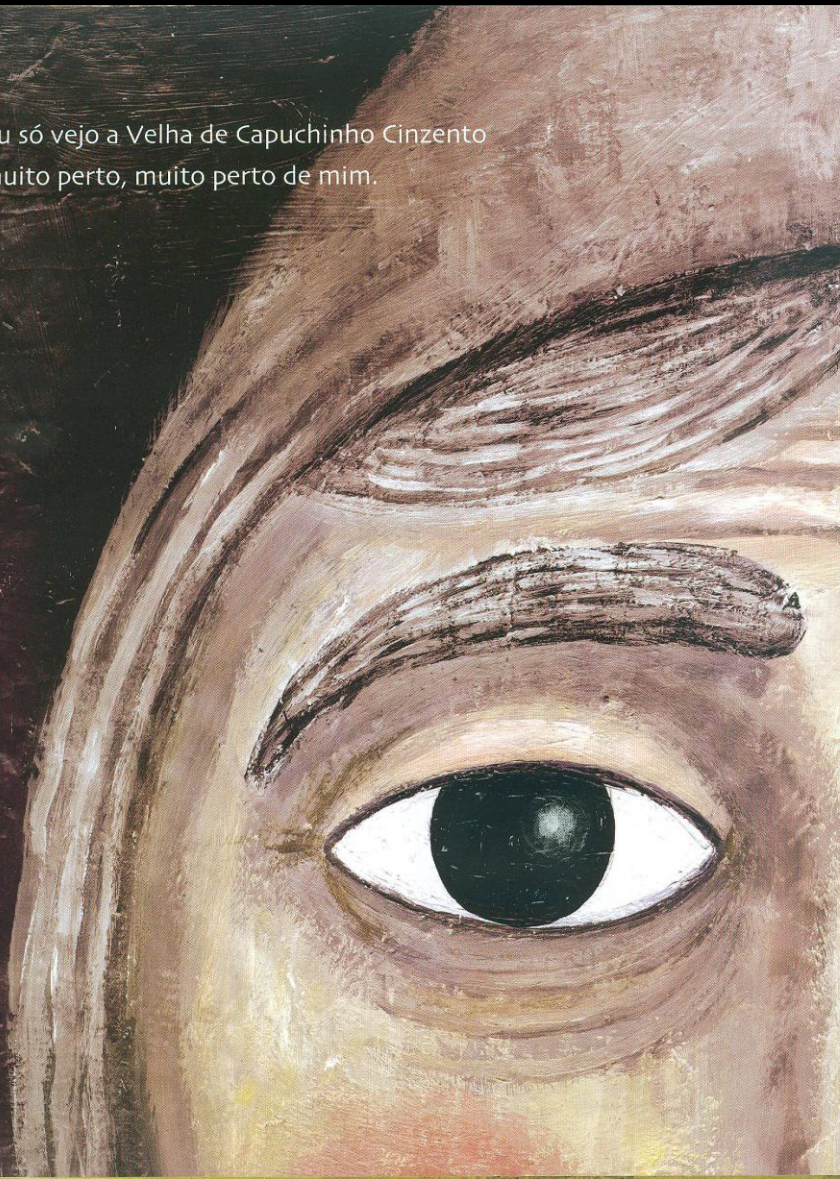
— Ó delicados cantores de cristal digam-me,
cantem-me o que aconteceu ao Capuchinho Cinzento,
agora, com tanta idade?
— Lembra-se do Capuchinho Vermelho
a caminhar pelo bosque verde cheio de paz?
Um bosque de folhas verdes molhadas de pérolas de orvalho?
Um bosque perfumado
com o aroma das folhas que dançavam com o vento?
Que secavam com o lume de luz
que tombava dos céus?



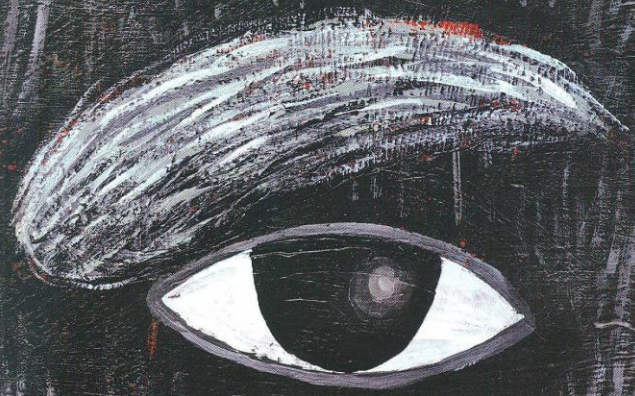
— Ó delicados cantores de cristal ajudem-me,
tragam-me à ideia um beijo de prata do frio das águas
para eu despertar.



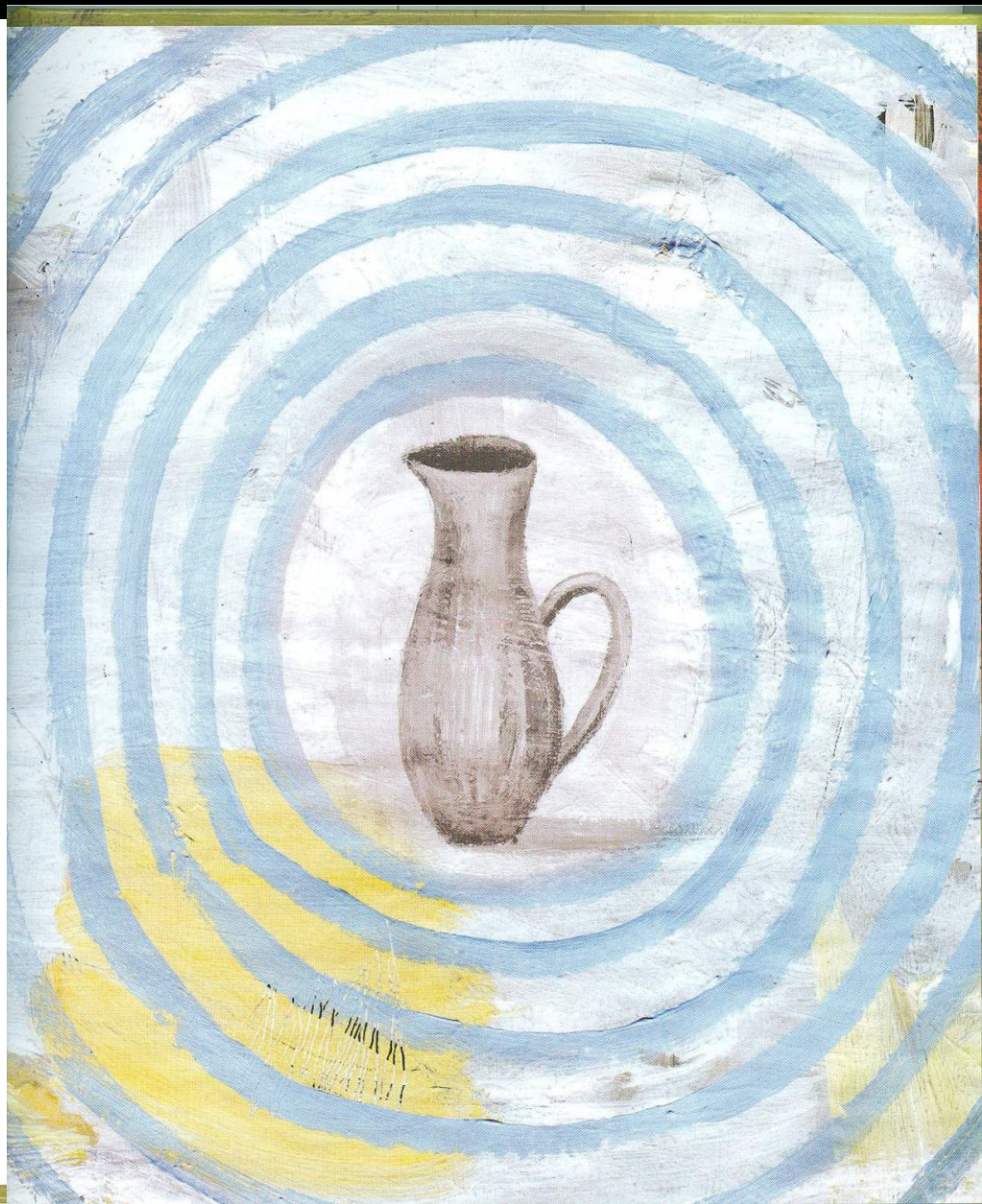
Eu só vejo a Velha de Capuchinho Cinzento
muito perto, muito perto de mim.

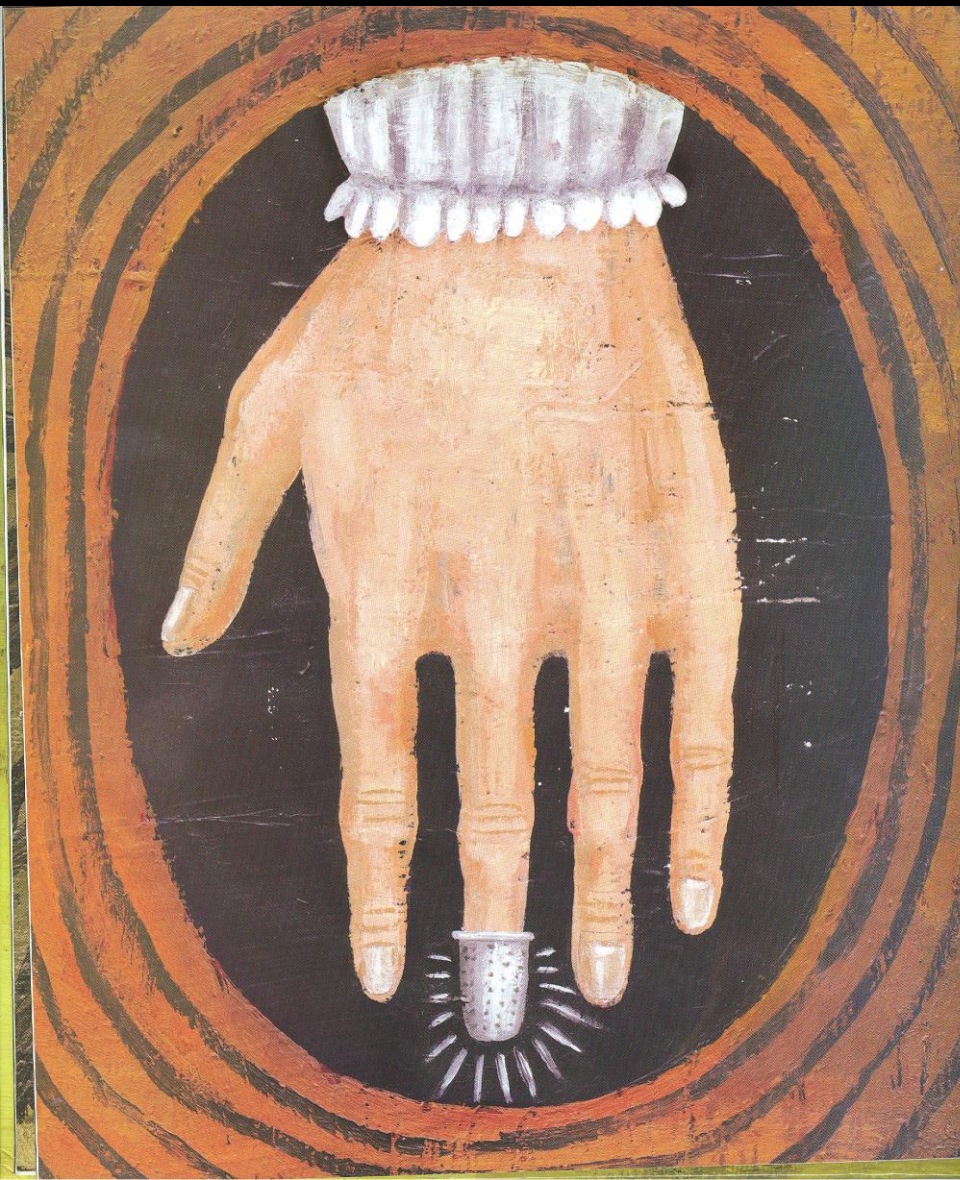


E vejo um Lobo com botas de espinheiros
a caminhar, a caminhar, a caminhar...

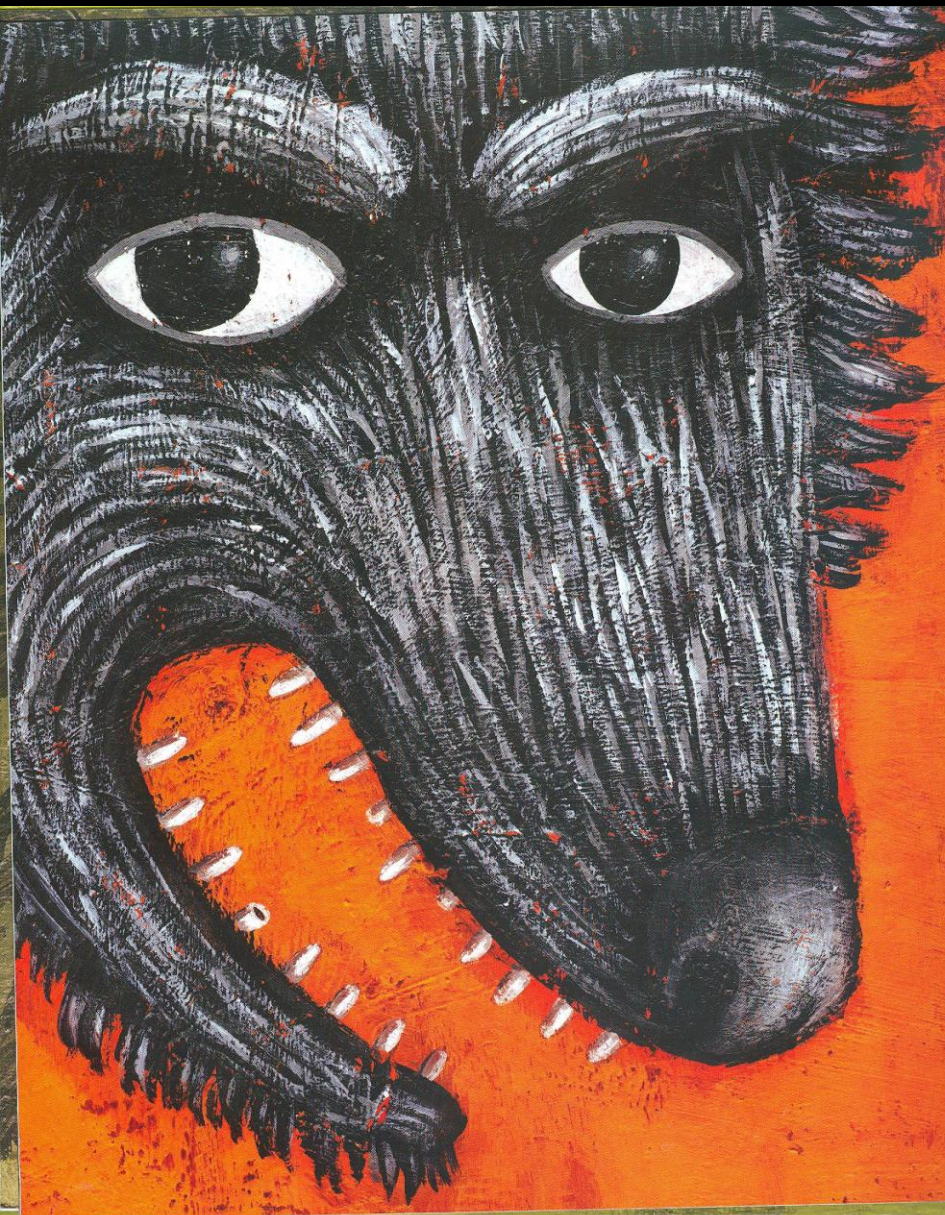


Ai, passaritos de cristal,
para onde vai a Velha de Capuchinho Cinzento?
— Irá talvez à fonte ouvir o violino da água que corre,
ou vai buscar uma cantarinha de água.
A água, quando fica presa dentro da cantarinha de barro,
não pode cantar.
Mas mata a sede!
— Passaritos de cristal,
digam-me o que eu não sei contar. Cantem!



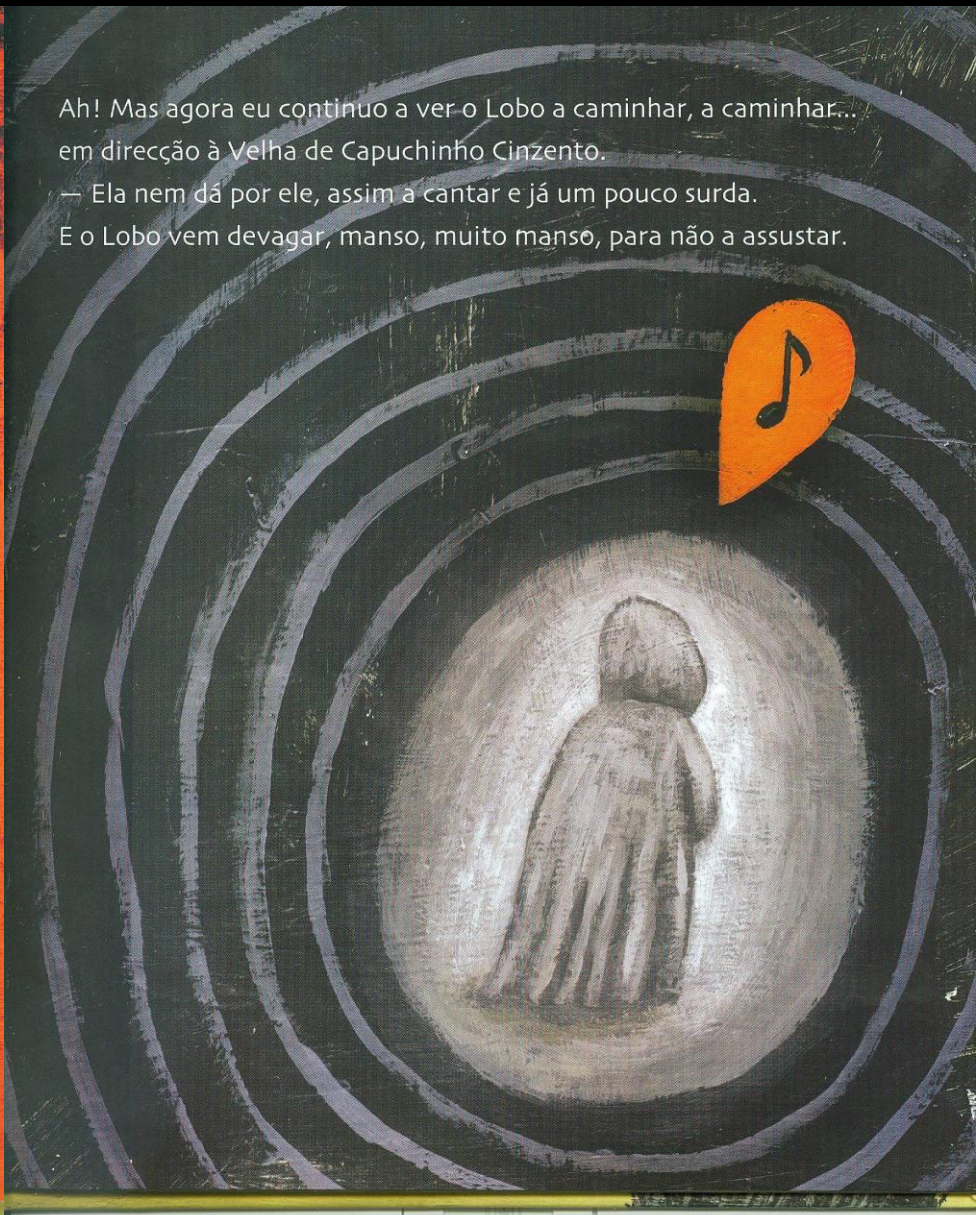


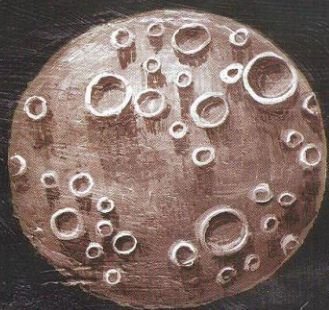
Viram um dedal brilhante
no dedo da Velha de Capuchinho Cinzento?
— Ela esqueceu-se de o tirar
quando veio à fonte.
Estava a coser nos calções e saínhas dos netos,
aqueles buracos das roupas
que só as crianças sabem fazer.
Levantou-se num repente
e começou a andar...
— Sabem, passaritos? Eu oiço
a Velha de Capuchinho Cinzento cantar!
Com uma voz trémula,
já um pouquinho rouca.
Mas entoada e doce como
quando tinha o capuchinho vermelho.
E ia tão contente, pelo bosque,
levar a merendinha à avó.



Ah! Mas agora eu continuo a ver o Lobo a caminhar, a caminhar...
em direcção à Velha de Capuchinho Cinzento.

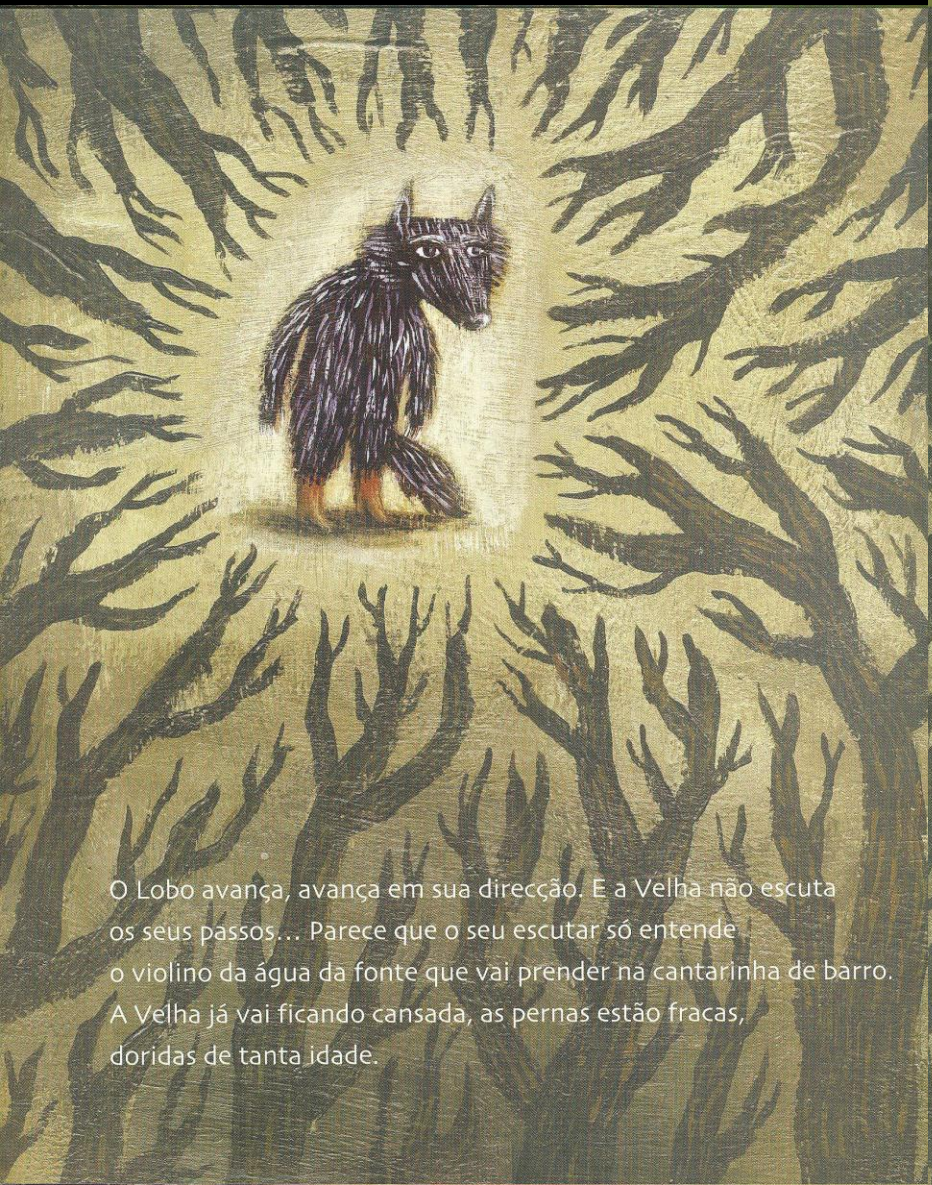
— Ela nem dá por ele, assim a cantar e já um pouco surda.
E o Lobo vem devagar, manso, muito manso, para não a assustar.





— Passaritos de cristal,
ajudem-me agora!
Estou aflita a contar esta história.
História que se passou.
De verdade.
E parece que quer continuar...
Ó delicados passaritos de cristal,
então porque é que
a Velha de Capuchinho Cinzento
vai à fonte?
É noite ainda, e ela canta, canta
e a Lua redonda dança no céu!

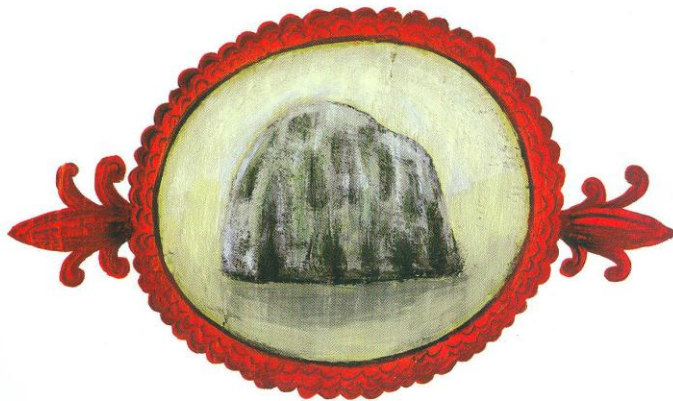


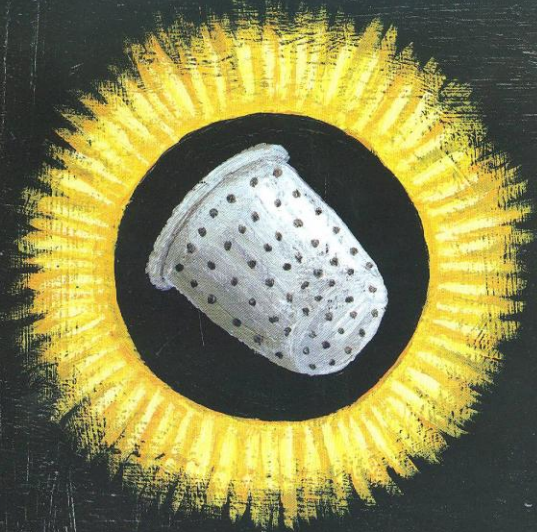


O Lobo avança, avança em sua direcção. E a Velha não escuta os seus passos... Parece que o seu escutar só entende o violino da água da fonte que vai prender na cantarinha de barro. A Velha já vai ficando cansada, as pernas estão fracas, doridas de tanta idade.

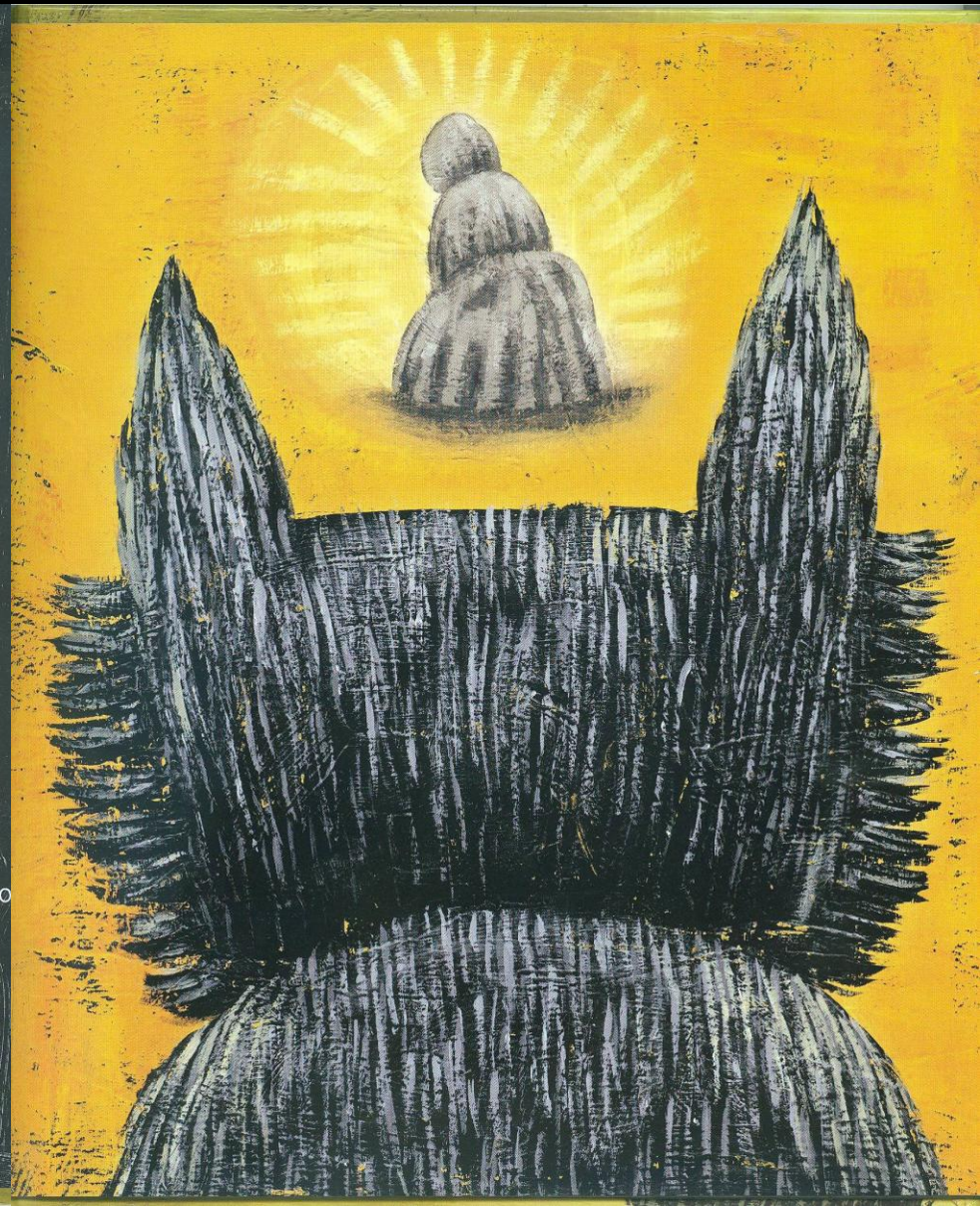


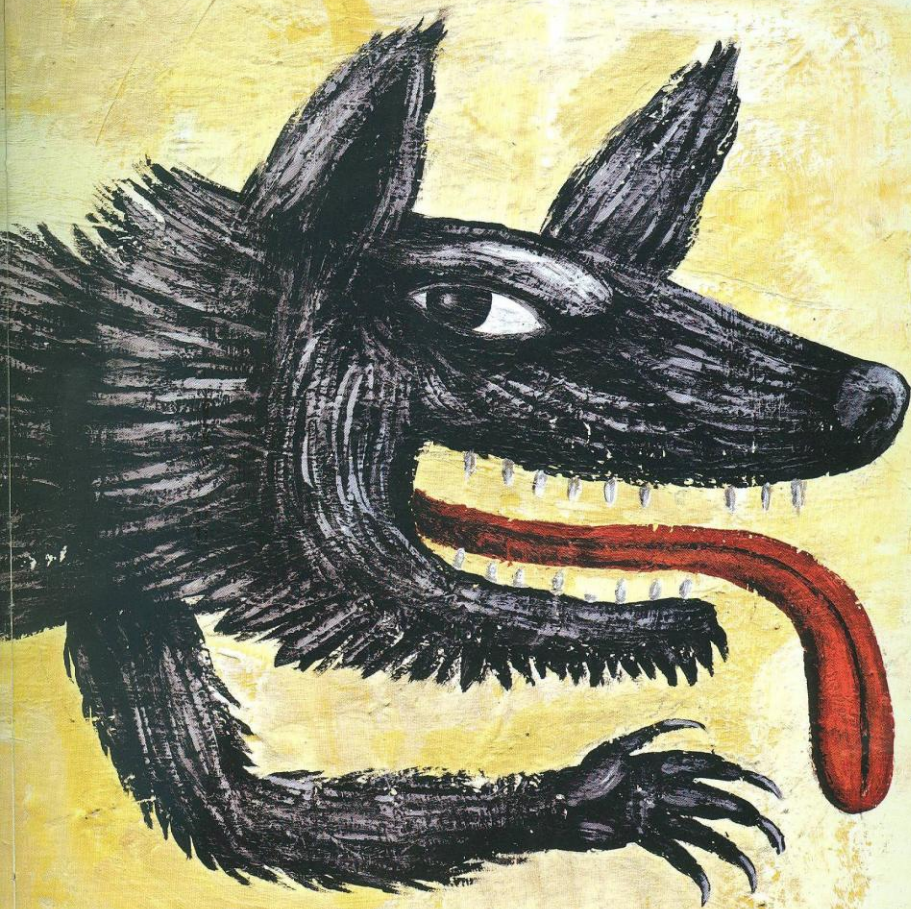
Então, vê uma pedra do bosque, quase escondida
debaixo dos musgos que a cobrem. E ali se senta,
com custo (ai, como dobrar os joelhos dói!).
Senta-se, poisa a cantarinha sobre os joelhos doídos
e, pouco a pouco, deixa-se adormecer.





É escuro ainda, mas quase dia...
Bate em silêncio, o coração escondido do bosque.
Só o dedal brilha no dedo do Capuchinho Cinzento,
mágico e brilhante como a lágrima de uma estrela.
O Lobo devagar, devagarinho, vai chegando à pedra cheia de musgo
onde a Velha descansa, adormecida. Nem uma rainha de outros tempo
descansaria assim num trono de veludos!





E o Lobo devagar, devagarinho, chega-se mais à pedra — o Lobo, com botas de espinheiros, os olhos de luzeiros, uma bocarra enorme mostrando alguns dentes agudos, ameaçadores.



— Ai, passaritos de cristal, eu própria que estou a escrever aqui na minha mesa, dentro de casa, tenho medo. Ajudem-me. Vocês não podem espantar o Lobo, pois não? São tão frágeis as aves, com as suas asas de penas. Aéreas... Eu sei que vocês também têm medo. Mas cantem! Não vamos deixar a Velhinha, pois não? Vejam, ela sonha e sorri, o rosto cheio de rugas debaixo do capuchinho cinzento. E segura a cantarinha entre as mãos, o dedal brilhando como uma lágrima de estrela. Dormem ainda as flores no bosque, fechadas as suas pétalas no aconchego do chão. Ergue-se lentamente o manto da madrugada.

— E o Lobo, passaritos?





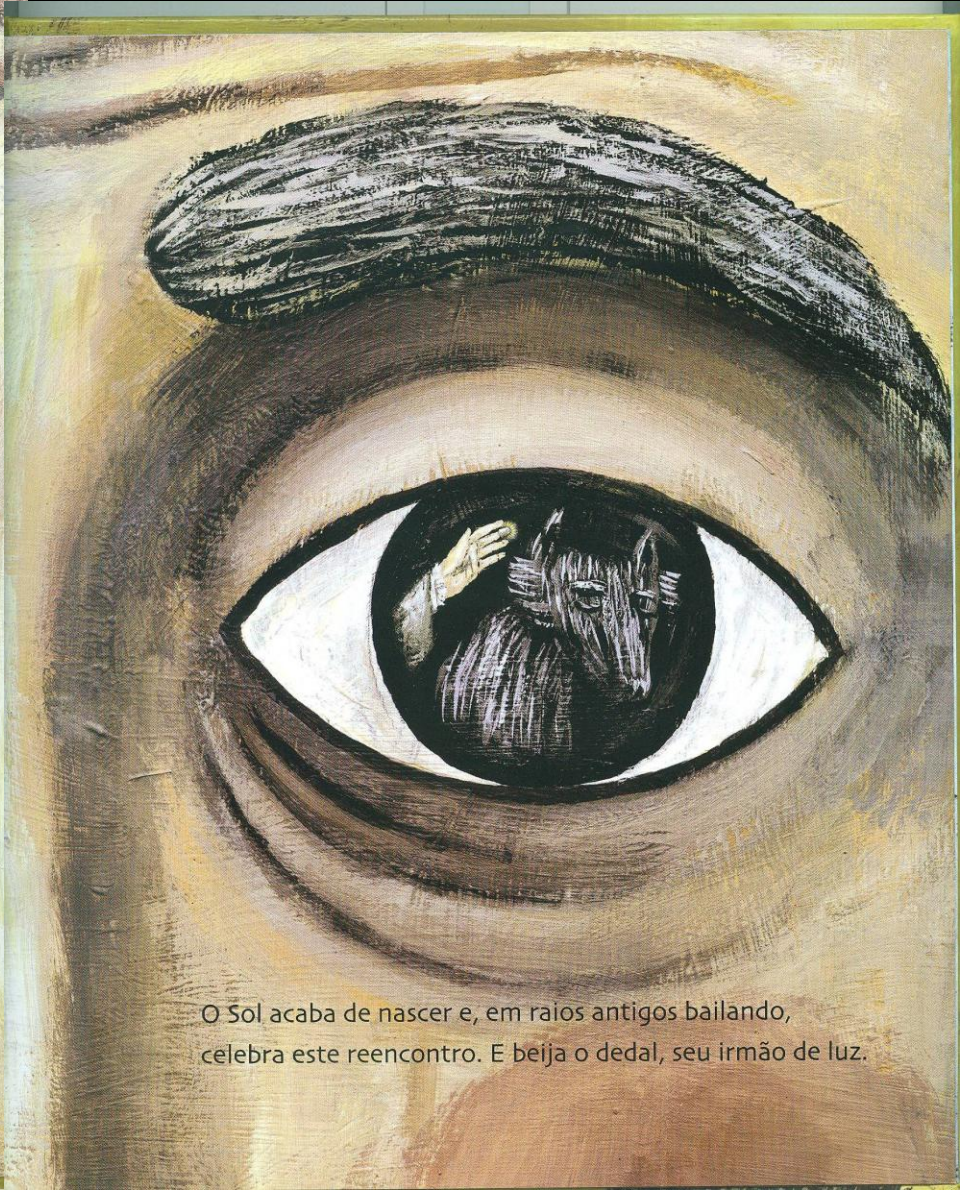
— O Lobo vem, vem de manso até à Velha adormecida.
E pára, deslumbrado. Os seus olhos são luzeiros de ternura!



Lambe docemente as mãos
que seguram a cantarinha,
lambe o dedal, estrela do Sol.
A Velha de Capuchinho Cinzento estremece:
Quase acorda ao sentir aquela língua áspera
que lhe passa pelas mãos
que seguram a cantarinha. E sorri.



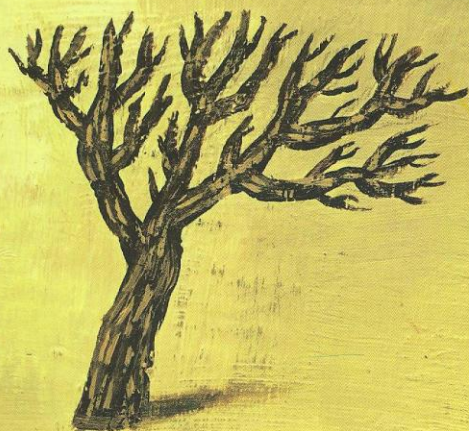
Acorda devagar, olha o Lobo com os seus olhos cansados.
Afaga-o, como se o Lobo fosse um cão.



O Sol acaba de nascer e, em raios antigos bailando,
celebra este reencontro. E beija o dedal, seu irmão de luz.

— Passaritos de cristal,
digam-me se sou eu que estou a sonhar,
ou se é o Capuchinho Cinzento que sonha.
Delicados passaritos de cristal,
são vocês que cantam a resposta a esta pergunta?
Ou é a Lua que dançou no céu?
Ou são os meninos de calções e saíngas rotas que a Avó ia coser?
Ou é a música da água dentro da cantarinha?
Ou são as flores que o Sol veio despertar?
Ou é a magia do dedal?
Cantem! Cantem!
Não deixem de cantar,
voar,
para esta história, de claros segredos, nunca acabar...





... eu continuo a ver o Lobo
a caminhar, a caminhar...
em direcção à velha de Capuchinho Cinzento.



Contos Contados

ISBN 972-751-676-9



5 603638 116021